



Universidade da Amazônia

A Almanjarra

de Artur Azevedo

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



A Almanjarra

de Artur Azevedo

Comédia em dois atos

Personagens

Ribeiro

Macedo

Ernesto

Joana

Rosália

Isabel

Dois homens

A cena passa-se no Rio de Janeiro

Atualidade (1888)

ATO PRIMEIRO

O teatro representa a sala de visitas da casa de Ribeiro.

CENA I

Joana, Isabel (Isabel, sentada junto a uma mesa redonda, que deve estar no centro, tem perto de si uma cesta de costura. Joana está sentada num canapé, á esquerda)

Joana — Tem paciência, minha filha; resigna-te, resigna-te! Este mundo é mesmo assim.

Isabel (Enxugando os olhos.) — Mas eu gosto tanto dele, mamãe!

Joana — Sim, acredito, mas bem deves saber...

Isabel — E ele gosta tanto de mim...

Joana (Aproximando-se da filha.) — Esqueçam-se um do outro.

Isabel — Impossível.

Joana — Que te hei de dizer? Jamais te aconselharei a que contraries a vontade de teu pai, que tão bem se tem compenetrado dos seus deveres e da sua responsabilidade.

Isabel — Dos seus deveres de marido, não nego. Mas é assim que a senhora compreende os deveres de um pai? De que serviu essa esmerada educação que recebi? Para que ele me mandou ensinar a distinguir as coisas e as pessoas? Para atirar-me nos braços de um tolo!

Joana — Belinha!

Isabel (Com mais força.) — De um tolo, de um parvo, de um analfabeto, de um coisa-ruim!... Aqui tens esta mulher, este traste... toma-o, enfeita-o, e apresenta-o, vaidoso, ao mundo... é um objeto que compraste por um punhado de ouro! (Chora.)

Joana — Não chores, minha filha... Vê que me afliges!

Isabel — Deixe-me chorar, mamãe. Que seria de mim, se não fossem estas lágrimas? Teria eu bastante força para resistir a tanta contrariedade?

Joana — Olha, faze de conta que ele morreu.

Isabel — Antes morresse. Eu morreria também. Morreríamos ambos. E já que na terra não consentem na nossa ventura, unir-nos-íamos no céu.

Joana — Não condenes a teu pai: o muito amor que tem por ti é que o leva a descobrir nesse casamento a tua felicidade. Anda iludido. Talvez que com calma... Deixa estar... Eu falo-lhe. (Desce ao proscênio.)

Isabel (Erguendo-se, vivamente.) — Fala-lhe? Oh, mamãe! Mamãe! (Beijando-a.) Que bom, se conseguisse...

Joana — Quem sabe? Serei eloqüente. Mas só patrocino a tua causa sob uma condição...

Isabel — Sei qual é: não chorar mais. Prometo. (Enxuga bem os olhos.) Vê? Ninguém dirá que aqui estiveram lágrimas.

Joana (Beijando-a.) — Tolinha! Vamos para a sala de jantar. O sol já bate na janela. Não se pode parar aqui com o calor. Vamos! (Ouvindo um soluço de Isabel.) Espera; talvez saia tudo à medida dos nossos desejos.

Isabel — Deus o permita. (Toma o cestinho de costura.)

Joana (Saindo com a filha.) — Ninguém mais do que eu deseja ver-te feliz. É preciso acabar de uma vez por todas com essas lágrimas que... (Perde-se o resto nos bastidores.)

CENA II

Ribeiro, Ernesto

Ribeiro (Trazendo Ernesto pelo braço quase à força.) — Faça favor de entrar, Senhor Alberto.

Ernesto — E o senhor a dar-lhe com Alberto! Ernesto!

Ribeiro (Emendando.) — Pois faça favor de entrar, Senhor Ernesto. É esta a nossa humilde choupana. Não repare. Aqui tem uma cadeira: sente-se.

Ernesto — Não sei como agradecer tanta bondade, Senhor Ribeiro.

Ribeiro — Eu é que devo agradecer, é boa! (Chamando.) Ó senhora! Ó menina!

Ernesto — Ora! Não vim preparado... (Vai a um espelho.)

Ribeiro — Está perfeitamente. Minha mulher e minha filha não são de cerimônias. Não lhes faça muitos cumprimentos: é pô-las em mau costume, Senhor...

Ernesto (Sentando-se.) — Ernesto.

Ribeiro (Concluindo.) — ... Senhor Ernesto. (Senta-se também.) Aqui onde me vê, tenho uma filha de dezoito anos.

Ernesto — Ah! Sim?

Ribeiro — E se o meu Manuelito estivesse vivo, devia ter a sua idade. Que idade tem?

Ernesto — Eu? Vinte e cinco anos.

Ribeiro — Ele estaria com vinte e três. Ora! Está no céu. Foi talvez melhor assim. Resta-me a Belinha.

Ernesto — Belinha? Ah! É a menina?

Ribeiro — É a menina, é. Conto muito breve convidá-lo para o casamento dela.

Ernesto — Deveras?

Ribeiro — Nada, que elas, em chegando a certa idade, é preciso arrumá-las; quando não, ficam para aí tias, e não acham quem as pretenda, a não ser algum troca-tinta, mais namorado do dote que de outra coisa.

Ernesto — Tem razão. E o nome do noivo? É segredo?

Ribeiro — Segredo? Eu não tenho segredos. O noivo é o Comendador Domingos Bastos, conhece?

Ernesto — Conheço um Comendador Domingos Bastos, mas não pode ser esse.

Ribeiro — Por quê?

Ernesto — Porque... esse já não é criança.

Ribeiro — E julga o senhor que eu dava minha filha a uma criança?

Ernesto — Ah, isto é um modo de falar.

Ribeiro — O Domingos é um homem honrado... Não teve a glória de inventar a pólvora, não é nenhum fura-paredes, mas tem muito bom senso e uma boa dúzia de patacas.

Ernesto — Mas é que...

Ribeiro — E que o quê?

Ernesto Uma menina de dezoito anos...

Ribeiro — Ora pelo amor de Deus, Senhor... Alberto não?

Ernesto — Ernesto.

Ribeiro — Ora pelo amor de Deus, Senhor Ernesto! Também é dos tais? Não admira: na sua idade... Achava talvez mais acertado casá-la...

Ernesto — Perdão, não digo isso, nem é da minha conta o que se passa no seio de sua família. Naturalmente a menina estima o seu noivo, e nesse caso...

Ribeiro — Engana-se. A Belinha não quer vê-lo nem pintado. Anda embeijada por um pelintra, e não há meio de fazê-la chegar-se ao rego.

Ernesto — Nesse caso, desculpe a franqueza de um indivíduo que conhece apenas de alguns minutos: faz muito mal, Senhor Ribeiro. Os casamentos de conveniência são sempre muito inconvenientes.

Ribeiro — Ora aí vem o senhor! Não admito que ninguém mais do que eu se interesse pela felicidade de minha filha. Prezo-me de ser bom pai.

Ernesto — A seu modo. A intenção é boa; os efeitos é que são detestáveis.

Ribeiro — Sabe que mais? Vou fazer cinqüenta e quatro anos, Senhor Alberto. (Ernesto encolhe os ombros.) Tenho levado uma vida bem governada, e de muito me tem servido a experiência do mundo. Quando me casei, a madama, se quer que lhe diga, não trouxe lá muito boa cara da casa do pai. O homem era da minha tempera. Podia ignorar muita coisa, mas sabia perfeitamente onde tinha o nariz. Ora adeus! Minha mulher em pouco tempo estava que não parecia a mesma. Temos sido muito felizes.

Ernesto Não se argumenta com exceções.

Ribeiro — O mesmo há de acontecer à Belinha. A princípio muito desgosto, muita choradeira... (Arremedando.) Quero ir pro convento! Vou tomar verde-paris! Não toco mais piano! (Naturalmente.) E depois? Ai, meu maridinho, aonde te porei?

Ernesto — Nem sempre assim sucede. (Ergue-se.) Olhe, em mim tem o senhor um exemplo. (A meia voz.) Eu gostava muito de uma moça...

Ribeiro (Erguendo-se.) — Sim?

Ernesto — Que foi obrigada a casar-se com outro homem.

Ribeiro — Sim?

Ernesto — É uma história muito comprida. Se soubesse quanto sofreremos!

Ribeiro — Sim?

Ernesto — Quanto sofreremos ainda!

Ribeiro — Pois continuam?

Ernesto — Se continuamos!

Ribeiro — E ela... está... casada?

Ernesto — Há oito meses.

Ribeiro — E mostra-lhe ainda muita amizade?

Ernesto — Amizade? Nenhuma.

Ribeiro — Ah!

Ernesto — Mas muito amor...

Ribeiro — Oh!

Ernesto — Amor veemente, entranhado, profundo... amor que só com a morte acabará um dia. Pois essa imoralidade que a igreja santifica e a sociedade legaliza, o casamento de conveniência, é lá bastante forte para destruir o sentimento do amor em dois corações apaixonados e jovens?

Ribeiro — É poeta! Está perdido!

Ernesto — Aceite o meu conselho, Senhor Ribeiro: deixe à menina a livre escolha do seu noivo, e pese bem as conseqüências de uma união forçada!

Ribeiro — Ora as conseqüências! Uma recordação que naturalmente não se pode desvanecer em seis ou oito meses... mas que depois... em vindo a filharada...

Ernesto — Mas saiba, meu caro Senhor Ribeiro, que eu vou à casa dela...

Ribeiro — Fale mais baixo!

Ernesto (Baixando a voz.) — ... quando o marido não está, bem entendido. (Gesto de admiração de Ribeiro.) Devo parecer-lhe muito leviano contando-lhe estas coisas... mas quero abrir-lhe os olhos... Ainda o outro dia... (Rindo-se muito). Ah! Ah! Ah! Não posso lembrar-me — sem que me ria! (Rindo-se mais.) Ah! Ah! Ah!

Ribeiro (Rindo-se, ainda sem saber de quê.) — Eh! Eh! Eh! Então que foi?

Ernesto (Rindo-se sempre.) — Estávamos ela e eu, na sala de visitas (porque, é preciso notar, nunca passei da sala de visitas), e dizíamos um ao outro, essas mil frivolidades de amor que jamais variam e, no entanto, sempre nos parecem novas, quando ouvimos passos no corredor!

Ribeiro (Rindo-se muito.) — Querem ver que era o cujo?

Ernesto — Pois quem havia de ser? Não tive outro remédio senão esconder-me num guarda-roupa...

Ribeiro (Muito sério, puxando-o por um botão do casaco.) — Agora espichou-se... Um guarda-roupa na sala de visitas?

Ernesto (Muito sério.) — Sim, senhor. E eu lhe explico... e eu lhe explico... Eles mudaram-se há pouco tempo... e o guarda-roupa, um guarda-roupa imenso, disforme, incomensurável, um guarda-roupa que parece uma catedral, não coube em nenhum dos quartos... foram obrigados a colocá-lo na sala de visitas... até que o substituam, ora ai está!

Ribeiro — De modo que foi uma providência?

Ernesto — Naturalmente. Se não fosse o guarda-roupa... Mas que estafa! Passei hora e meia dentro daquela fornalha!

Ribeiro — Bem feito. Não lhe ficou vontade de lá voltar.

Ernesto — Ao guarda-roupa? Não, decerto. Mas na sala já eu estive duas vezes depois disso.

Ribeiro — Ah, rapazes! Rapazes!

Ernesto — Este exemplo deve aproveitar-lhe: não dê a menina ao Comendador Domingos Bastos...

Ribeiro — Ora adeus! De que vale o homem sem dinheiro?

Ernesto — E de que vale o dinheiro sem homem?

Ribeiro — Mas esta gente que não vem! Ah! Falai no mau...

CENA III

Os mesmos, **Joana, Isabel**

Joana — Chamaste-nos, Manuel? (Cumprimentos mudos entre as duas senhoras e Ernesto.)

Ribeiro — Desejo que conheçam o meu salvador!

Joana — O teu salvador!

Ribeiro — É verdade! Este senhor salvou-me a vida!

Ernesto — Seu esposo exagera, minha senhora: foi obra do acaso; não fiz mais do que faria outro qualquer no meu lugar; entretanto, pegou-me no braço, obrigando-me a acompanhá-lo até cá, para apresentar-me a Vossas Excelências...

Ribeiro — Alto lá! Aqui não admito Excelências nem Senhorias! Guarde essas farólias para o high-life. Minha família dispensa-as.

Joana — Decerto, senhor.. Como se chama?

Ribeiro — Alberto.

Ernesto — Ernesto de Barros, um seu criado.

Ribeiro — Ernesto, Ernesto, sempre me engano. (Senta-se; todos o imitam.) Obra do acaso. É muito boa! Também o nascimento é obra do acaso, e a gente a quem mais ama, abaixo de Deus, é a seu pai e a sua mãe. Ora imaginem que ia eu para a guarda-velha encomendar cinqüenta garrafas de cerveja para casa, quando, ao passar pelo Largo da Carioca, uma maldita casca de banana me faz escorregar e cair sobre os trilhos justamente na ocasião em que ia passar um bonde.

Joana — Meu Deus!

Ernesto — Ora! O bonde ainda vinha a meia légua...

Ribeiro — Ora viva, meu amigo, se o senhor não me houvesse puxado para fora dos trilhos...

Ernesto (Modestamente.) — Qual!

Ribeiro — Estávamos a estas horas... você sem marido... você sem pai... e eu sem vida. Eu é que ia mais no meio.

Joana — Vejam que brincadeira!

Ribeiro — Ergo-me debaixo de um coro de gargalhadas.

Ernesto — Os homens são perversos. Todos se riem quando alguém leva um trambolhão.

Joana — Confesso o meu pecado, Senhor Ernesto... se vejo alguém cair, quero ficar séria e não posso. É um riso involuntário.

Ribeiro — E então as senhoras que têm sempre a caninha n'água! (Continuando a narração.) Mas como ia dizendo, ergo-me... ou antes, o Senhor Alberto ergue-se, eu tomo-lhe o braço, e obrigo-o a vir até cá para apresentá-lo a vocês, dizer-lhes quem é, etc. Conto que fique amigo da casa, e não deixe de nos visitar algumas vezes.

Joana — Decerto. É solteiro, Senhor Ernesto?

Ernesto — Solteiro, minha senhora.

Joana — Mas tem família aqui?

Ernesto — Nem aqui nem em parte alguma. A varíola o ano passado roubou-me o derradeiro parente.

Joana — Fica para almoçar conosco?

Ernesto — Sinto não poder aceitar o convite de Vossa Ex...

Ribeiro — Ah?

Ernesto (Rindo-se.) — Da senhora. Costumo almoçar em casa do patrão, e são quase horas...

Ribeiro — O Senhor Ernesto é guarda-livros de uma casa muito importante. (A Isabel, que desde o principio da cena tem estado triste, a folhear um álbum.) Então, menina? você não diz nada? parece matuta!

Isabel — Nada tenho que dizer.

Ernesto — Tenho notado que está triste, minha senhora...

Isabel — É o meu natural.

Ribeiro — Deu-lhe pr'ali, Senhor... Ernesto: as mulheres são mesmo assim: qualquer coisa as amofina como as alegria; choram por um nada e riem-se por dá cá aquela palha.

Ernesto — Não diga isso. Quantas vezes se enganam os homens que assim pensam! As mulheres são uns pobres entes, cujos direitos desconhecemos, cuja liberdade cerceamos. Quantas angústias silenciosas, quantas dores que não se dizem, quantos sentimentos que se calam justificam essas lágrimas sinceras e apaixonadas, a que eles emprestam sempre uma origem fútil, irrisória, ridícula!

Ribeiro — Com licença: vou tirar esta albarda... Em casa não posso estar senão de rodoque. (Sai.)

CENA IV

Ernesto, Joana, Isabel, depois Ribeiro

Isabel — Papai não toma estas coisas a sério. Diz que é poesia.

Joana — Em nome do meu sexo, agradeço a generosidade de suas palavras, Senhor Ernesto.

Ernesto — Nada tem que agradecer, minha senhora; é a verdade... Quem sabe se Dona Belinha...

Isabel — Quem disse ao senhor que eu me chamava Belinha?

Ernesto — Foi o senhor seu pai.

Isabel — Ah!

Ernesto — Quem sabe se não tem mágoas secretas?

Isabel (Vivamente.) — Eu não, senhor.

Ernesto (A Joana.) — A Vossa Excelência compete sondar aquele coração.

Joana — As mães não sondam; adivinham. São como certos médicos experimentados, que não precisam tomar o pulso ao doente para saber se tem febre.

Ernesto — Tem tão bons olhos?

Joana — Os olhos do coração vêem muito longe.

Ernesto — E o Senhor Ribeiro... não os terá míopes?

Isabel (Vivamente.) — Cegos, completamente cegos!

Joana — Belinha!

Ernesto — Sei a história do seu projetado casamento.

Joana — Ele disse-lhe?

Ernesto — Não está completamente cego: tem cataratas apenas. As cataratas operam-se com facilidade.

Joana — Sim, mas falta o cirurgião.

Isabel (Vivamente.) — O cirurgião deve ser a senhora.

Ernesto — Eu poderei ajudá-la, se quiser.

Joana — O senhor?

Isabel — Oh! Como eu lhe agradecerá!

Ernesto — Ele aí vem. (Indo ao encontro de Ribeiro, que entra de roda que.) Senhor Ribeiro, dê-me as suas ordens.

Ribeiro — Já?

Ernesto — São horas. Hoje parte um vapor para o Sul... está a correspondência por fazer...

Ribeiro — Não quero desviá-lo de suas obrigações.

Joana — Mas, no domingo, há de vir jantar conosco; sim?

Ribeiro — Bem lembrado! Deita-se mais uma caneca d'água na sopa. Veja lá se vai faltar.

Ernesto — Serei pontual. (Aperta as mãos às senhoras.) Minhas senhoras...

Isabel — Até domingo, Senhor Ernesto.

Joana — Estimei muito conhecê-lo, e agradeço de coração o serviço que...

Isabel — Também eu, Senhor Ernesto.

Ernesto — Pelo amor de Deus, minhas senhoras! Até domingo. (Vai apertar a mão de Ribeiro.)

Ribeiro — Acompanho-o até a escada.

Ernesto — Nada, não se incomode.

Ribeiro — Ora! (Insiste. Novas e últimas cortesias. Ribeiro e Ernesto saem pelo fundo.)

CENA V

Joana, Isabel

Isabel — Não lhe pareceu tão bom moço, mamãe?

Joana — Sim, sim; mas vai lá para dentro: quero falar a teu pai.

A Voz de **Ribeiro** — Ponha o chapéu, Senhor Alberto!

A Voz de **Ernesto** — Ernesto! (Ouve-se Ribeiro rir.)

Isabel — Vai falar-lhe a meu respeito, mamãe?

Joana — Pois então? Vai, vai para o teu quarto, e não nos venha interromper.

CENA VI

Joana, Ribeiro

Ribeiro — Eh! Eh! Eh! Parece-me um excelente rapaz... apesar do guarda-roupa. (Vai saindo pelo lado.)

Joana (Sentada.) — Manuel?

Ribeiro (Parando.) — Hein?

Joana — Venha cá, sente-se perto de mim.

Ribeiro — Temos namoro? Olha, mulher, que isto, depois de vinte e quatro anos de casados, não tem mais graça. (Sentando-se.) Cá estou. Que deseja?

Joana — Desejo saber que papel represento nesta casa.

Ribeiro — Oh! essa agora!

Joana — Desejo saber que papel...

Ribeiro — Já ouvi, já ouvi, que não sou surdo; mas ainda não pude perceber o sentido de suas palavras.

Joana — Trata-se do futuro de sua filha.

Ribeiro — Logo vi.

Joana — E sua filha também é minha.

Ribeiro — Naturalmente; é nossa.

Joana — É até mais minha do que sua; eu sou sua mãe... o senhor é apenas pai.

Ribeiro — Apenas.

Joana — É de bom aviso, me parece, consultarem-se as mães quando se pretende dispor dos filhos.

Ribeiro (Depois de uma pausa.) — Respondo sem retóricas nem palanfrórios. Olhe bem para mim; parece-lhe que tenho um t na testa?

Joana — Eu é que lhe devia fazer essa pergunta.

Ribeiro — Se a fizesse, eu responderia que sim. (Levanta-se.) Era o que faltava! eu, que envelheci no trabalho, que tenho o espírito amadurecido, devia, para tomar uma resolução cuja responsabilidade é minha, imediatamente minha, consultar uma senhora, e então uma senhora quatorze anos mais nova do que eu! (Joana encosta a fronte na mão.) Para quê? Para ouvir destas e outras. Não! não é bom que dê a nossa filha a esse homem honrado e maduro para quem a destinaste; vai ao jardim do Santana, vai à Rua do Ouvidor, e procura um peralvilho, um boneco, e mete-o em casa, e dá-lhe cama, mesa, roupa lavada e engomada, e tua filha, e nossa filha também! (Pausa, durante a qual passeia de um lado para outro, com as mãos nos bolsos das calças.) Quando eu a pedi, isto é, quando ma deu seu pai -, lembra-se?... — a senhora batia com os pés e arrancava os cabelos, maldizendo uma sorte invejável... (Joana encara-o fixamente.) Invejável, sim, senhora! Tomaram-na muitas, e mais pintadas! Nessa ocasião consultou seu pai a sua mãe? Diga! (Pausa.) Não consultou, não, senhora! Meu sogro era dos meus, e minha sogra lia romances, e a senhora também os lê, e sua filha, e nossa filha, que para isso é que serve o dinheiro que gastei com os mestres.

Joana — Atende, Manuel... é em nome da felicidade de Belinha que te falo!

Ribeiro — E nós não fomos tão felizes?

Joana — Foste-o tu; eu não!

Ribeiro — Hein?

Joana — Sim, porque fui sacrificada à vontade de ferro de meu pai; porque fui obrigada a renunciar a todas as minhas aspirações, e vi desfeitos, como um castelo de fumo, todos os meus sonhos de ventura. Obedeci. Pois que o tempo se encarrega de tudo aniquilar, sou feliz agora, sou feliz, entendes? Porque me revejo em minha filha. Muito será condená-la também ao sacrifício; muito será renovar contra essa pobre criança a penosa situação que precedeu o nascimento do nosso primeiro filho.

Ribeiro — Que queres tu dizer, mulher?

Joana — Só depois do seu nascimento principiei a amar-te. Odiei-te a princípio, porque não te podia amar; amei-te depois, porque Deus mo ordenava nos sorrisos de nosso filho.

Ribeiro — A tua situação penosa só durou um ano. É muito sacrificar Belinha a um ano de provação?

Joana — Mas durante esse tempo a mulher tentada vacila muitas vezes entre o amor e o dever.

Ribeiro — A mulher tentada?!... e foste-o tu?!... Tentaram-te?!...

Joana — Sim. E vacilei. Sossega: venci.

Ribeiro (Com um suspiro de alívio.) — Ah!

Joana — Mas cartas sobre cartas recebi, que...

Ribeiro — Cartas?!

Joana — Ei-las! (Tira da algibeira um maço de cartas.)

Ribeiro — Fechadas... Estão fechadas?

Joana — Fechadas há vinte e quatro anos. Não as abri, para provar-te a minha honestidade quanto tas apresentasse mais tarde, intercedendo por uma filha que, por ventura, o céu nos desse, como nos deu. Eu fui forte, e venci; ela pode ser fraca, e ceder. Vê o que fazes!

Ribeiro (Guardando as cartas.) — Histórias! Caso-a com o Comendador, e caso-a bem!

Joana — O moço a quem ela ama e com quem deseja casar-se é de boa família e tem um meio de vida honesto.

Ribeiro — Não me agrada.

Joana — Também não agradava a meu pai aquele que eu amei, e no entanto...

Ribeiro — Foi presidente de província e até ministro; mas caiu o partido, e hoje não passa de um pobre advogado sem renda certa. Ora viva!

Joana (Brandamente.) — Convence-te, Manuel.

Ribeiro (De mau humor.) — Convencer-me de quê? De uma asneira? A pequena ou casa-se com o Comendador, ou faço uma estralada que vai tudo raso!

CENA VII

Joana, Ribeiro, Isabel

Isabel (Entrando e lançando-se aos pés do pai.) — Papai!

Ribeiro (Embaraçado.) — Levante-se, menina! Tenha juízo! Não seja tola!

Isabel (Erguendo-se e caindo banhada em lágrimas nos braços da mãe.) — Mamãe! A Voz de **Macedo** — Licença para mais dois! (Isabel limpa apressadamente as lágrimas e disfarça. Rosália aparece ao fundo, acompanhada por Macedo.)

Ribeiro — Entra, Macedo. Dona Rosália, vá entrando.

CENA VIII

Joana, Ribeiro, Isabel, Macedo, Rosália (Macedo dirige-se a Ribeiro; e Rosália, a Joana e Isabel).

Macedo — Como vai isso?

Rosália — Como estão? (Abraços, beijos, etc. Rosália vai cumprimentar Ribeiro; Macedo, Joana e Isabel.)

Ribeiro — Vou indo. A senhora cada vez mais bela!

Macedo — Ora vivam, minhas senhoras!

As duas — Senhor Macedo... (Jogo de cena ao cuidado do ensaiador.)

Macedo — A menina tem os olhos vermelhos. Esteve a chorar?

Rosália — É verdade, agora reparo, Belinha! Que tens tu?

Isabel — Nada...

Macedo — Quem bem nada não se afoga. Eh! eh! eh!...

Ribeiro — Asneiras... morreu-lhe um dos passarinhos...

Macedo — E; as mulheres não choram senão... (Benzendo-se.) Padre, Filho, Espírito Santo!

Joana — Senão por quê, Senhor Macedo?

Rosália — Desculpe, Dona Joana: meu marido não sabe o que diz. (Grupo das três senhoras.)

Macedo — Já tardava um remoque... (Entre dentes.) Malcriada! (A Ribeiro.) Minha mulher queria almoçar hoje com vocês, e eu acompanhei-a porque preciso falar-te.

Ribeiro — Estou às tuas ordens.

Rosália — A causa principal da minha visita é saber por que as senhoras não têm aparecido... Depois que nos mudamos, ainda não nos deram esse prazer...

Joana — É que tal a casa nova?

Rosália — Eu dou-me bem em toda a parte.

Macedo — Tem bons cômodos, mas todos muito acanhados. (A Ribeiro.) Imagina que o guarda-roupa está na sala de visitas, porque não cabe em nenhum dos quartos!

Ribeiro — Hein?

Rosália — É verdade; temos que substituí-lo por outro mais pequeno. Também uma almanjarra daquelas!

Macedo — Nunca vi um guarda-roupa tão grande! Podia uma família morar lá dentro à vontade. Eh! eh! eh!...

Rosália (A Isabel.) — Disseram-me que você foi às últimas corridas com um vestido muito bonito... há de mostrar-mo.

Isabel — Com todo o prazer.

Macedo (A Ribeiro.) — Minha mulher gasta uma fortuna em vestidos! Padre, Filho, Espírito Santo!

Joana — Com licença; vou dar algumas ordens para o almoço. Dona Rosália, querendo entrar, nada de cerimônias. A senhora sabe. (Vai saindo e volta.) Dê-me o seu chapéu e a sua capa. (Rosália dá-lhe o chapéu e a capa. Joana sai. Rosália e Isabel, abraçadas, vão para o fundo.)

Ribeiro (A Macedo.) — Mas sobre que me querias falar?

Macedo — Sobre esta carta que recebi de um freguês de Minas, pedindo-lhe uma moratória. Quero que me aconselhes Sobre este negócio... Ah! tu és um homem feliz: liquidaste a tua casa, vives dos teus rendimentos, não tens que dar satisfações a ninguém... Invejo o seu sossego! Pudesse eu, e faria o mesmo.

Ribeiro — Deixa-te disso... Dá-me a carta, e vamos para o gabinete, onde estaremos à vontade...

Macedo — Vamos. (Saindo com Ribeiro, a Isabel, que desce ao proscênio, sempre abraçada a Rosália.) Então, menina, o passarinho foi-se, hein? Eh! Eh! Eh!... (Saem Ribeiro e Macedo.)

CENA IX

Rosália, Isabel

Rosália — Idiota! (Outro tom.) Vamos lá!... agora que estamos sós... diga-me: por que estava chorando?

Isabel — Você para que que o pergunta, se não me dá remédio?

Rosália — Quem sabe? O remédio pode vir de quem menos se espera.

Isabel — Papai quer por força que eu me case com o Comendador Domingos Bastos... um homem impossível...

Rosália — Conheço; parece-se muito com meu marido.

Isabel — Você sabe que eu gosto muito do Alfredo Lemos, e que o Alfredo Lemos gosta de mim.

Rosália — E seu pai também sabe disso?

Isabel — Sabe; mas é inflexível. Não cede nem às minhas lágrimas nem aos pedidos de mamãe. Oh, Rosália! Que será de mim?

Rosália — A mesma pergunta fazia eu quando era noiva daquele tipo. Hoje não me queixo. Você quer um conselho? Obedeça a seu pai; case-se, e, depois de casada, continue a gostar do outro.

Isabel — Rosália!...

Rosália — Admira-se desta linguagem? Que quer? O casamento perverteu-me: já não sou a mesma. É provável que venham a falar de mim... é possível até que já se fale... Mas que me importa uma sociedade que consente no nosso sacrifício, que não tem uma voz que se levante em nosso favor?

Isabel — Rosália!

Rosália — Quando me casei, exigiram que me esquecesse dele. Debalde protestei. Levaram-me a uma igreja como se me levassem a um leilão, e deram-me aquele ridículo companheiro para toda a vida. Para toda a vida, Belinha! Faltou-me energia; não me falta amor. Não tive forças para repelir o marido; é natural que as não tenha para repelir o amante.

Isabel — Pois você? Oh!...

Rosália (Resoluta.) — Sim, ele vai à minha casa... à minha própria casa nas horas em que meu marido não está. (Isabel afasta-se instintivamente.) Oh! não se afaste de mim... não sou ainda uma mulher impura... entretanto, não sei se terei forças para não aviltar e materializar o meu afeto... Ele nunca passou da sala de visitas... A princípio fiz-me esquiva à sua presença... fingi muitas vezes que não gostava de o ver ali... mas saboreava intimamente o inefável prazer da sua companhia... Hoje, sou a primeira a pedir-lhe que volte... Como acabará isto, meu Deus? (Rindo-se.) Ah! Ah! Ah! Ainda o outro dia... (Rindo-se mais.) Ah! Ah! Ah! A coisa tem graça realmente!

Isabel (Sorrindo tristemente e com algum interesse.) — Que foi?

Rosália — Estávamos juntos; ele falava-me de amor; dizíamos não sei o quê... quando, de repente, ouvimos passos no corredor...

Isabel — Era seu marido?

Rosália (Fazendo um sinal afirmativo com a cabeça e rindo-se.) — Não tive outro remédio senão escondê-lo... sabe aonde? Ah! Ah! Ah! No tal guarda-vestidos! Na almanjarra! (Rindo-se nervosamente.) Case-se, Belinha, case-se, case-se! Não se importe!

CENA X

Rosália, Isabel, Ribeiro, Macedo, depois **Joana**

Macedo (Continuando uma conversa.) — Pois grande novidade me dá você! O casamento é pechincha, lá isto é, mas tenho pena do Domingos. Isto de homens de certa idade terem de aturar crianças... Eu que o diga! (Aponta para Rosália.)

Ribeiro — Hein!

Macedo — Eu que o diga! Padre, Filho, Espírito Santo! (Ribeiro fica pensativo.)

Rosália (A Isabel.) — Olhe só para aquela cara!

Joana (Entrando.) — Vamos almoçar.

Ribeiro (Como despertando.) — Vamos!

Macedo — Boa notícia para o pai da criança! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!

Ribeiro (Vendo que Rosália e Isabel não se mexem.) — Ah! não querem? (A Macedo.) Sabes que mais? Vamos indo. Elas que venham quando lhes apertar a fome.

Macedo — Ai, Ai! Vamos nus que eu levo a roupa! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh!... (Saem os dois.)

CENA XI

Isabel, Rosália, Joana

Rosália (Erguendo-se, a Isabel.) — Vamos, vamos também. (Encaminha-se para a porta.)

Joana (Em voz baixa a Isabel, que se ergue.) — Não desesperes.

Isabel — Ora, mamãe, se não houver outro remédio que hei de eu fazer, senão casar-me com o Comendador? (Vai dar o braço a Rosália e saem ambas acompanhadas por Joana, que se mostra estupefata.)

(Pano.)

ATO SEGUNDO

O teatro representa a sala de visitas da casa de Macedo. A direita, o enorme guarda-roupa de que se falou no primeiro ato.

CENA I

Ernesto, Rosália, ambos sentados

Ernesto (Levantando-se e consultando o relógio.) — Bom... são horas...

Rosália — Tão cedo...

Ernesto — Não posso ficar mais tempo... — temos amanhã pacote para o Norte, e a correspondência está por fazer.

Rosália (Tomando-lhe a mão.) — Até quando?

Ernesto — Até sábado.

Rosália — As mesmas horas?

Ernesto — As mesmas horas. Não se esqueça do sinal... meia folha da janela encostada. Senão, não entro. Adeus (Beija-lhe a mão, vai a sair e pára em frente ao guarda-roupa.) Não olho para este diabo, que não me lembre daquela hora e meia que passei lá dentro... Quando se remove daqui este colosso?

Rosália — Creio que hoje mesmo sairá de casa. Meu marido ficou de mandar cá um homem para desarmá-lo e levá-lo não sei para onde. (Abre o guarda-roupa.) Olhe... já está vazio.

A voz de **Macedo** — Subam! Subam! (Rosália dá um grito; Ernesto mete-se no guarda-roupa; ela fecha-o e guarda a chave.)

CENA II

Ernesto, no guarda-roupa; Rosália, Macedo, dois homens

Macedo — Entrem. (Apontando para o guarda-roupa.) Está ali o bicho! Podem desarmá-lo.

Primeiro Homem — Xi!

Segundo Homem — Que monstro! (Encaminham-se ambos para o guarda-roupa.)

Macedo — Que é da chave?

Rosália — Um instante... Não quero desfazer-me deste móvel.

Macedo — Hein?

Rosália — Não quero que ele saia de casa.

Macedo — Pois a senhora não foi a própria a pedir-me que o pusesse fora de casa quanto antes? Ainda esta manhã não conversamos a esse respeito? Não fiquei de

trazer estes homens para desarmá-lo e levá-lo? A senhora não o esvaziou ontem à noite?

Rosália — Pois sim, mas refleti e arrependi-me. É um belo traste; não se encontram dois assim no Rio de Janeiro.

Macedo — Isto é verdade: este é único. Mas a senhora há de convir que não é um móvel próprio para se ter na sala de visitas... e nós não temos outro lugar na casa onde o possamos acomodar.

Rosália — Não ficamos nesta... procuraremos outra, onde haja um quarto em que ele caiba.

Macedo — Não ficamos nesta casa? Padre, Filho, Espírito Santo! Pois se ainda esta manhã a senhora disse-me que nunca morou numa casa que lhe agradasse tanto!

Rosália — Eu disse isso?

Macedo — Sim, senhora!

Rosália — Então foi por ironia. É uma casa impossível edificada num terreno pantanoso. Estou aqui, estou doente.

Macedo — Valha-me Deus! A senhora é a moça mais caprichosa que o sol cobre!

Rosália — É possível. Se não me queria assim, não se casasse comigo.

Macedo — Tem razão, tem razão... Não me posso queixar senão de mim mesmo. Quem me mandou?

Rosália — Lembre-se de que não estamos sós.

Macedo (Aos homens.) — Tenham paciência... A senhora não quer que esta almanjarra saia de casa. Pois que não saia. Tomem lá dez tostões pelo trabalho de cá vir, e desculpem a maçada. (Dá dinheiro aos homens.) PRIMEIRO HOMEM — Muito obrigado.

Segundo Homem — Em precisando de nós, lá estamos. A senhora pode mudar de resolução...

Macedo — Bem, bem. Adeus. (Os homens saem.)

CENA III

Rosália, Macedo

Macedo (Sentando-se.) — Pois saiba que comprei para a senhora, em casa do Costrejean, um guarda-roupa catita, com três espelhos e...

Rosália — Prefiro este. Pode desfazer a compra.

Macedo — Naturalmente. Se temos este, que vale por dez, para que outro?

Rosália — É. (Pausa.) O senhor fica?

Macedo — Fico. Se adivinhasse, não tinha cá vindo; limitava-me a mandar os homens. Uma vez que vim, fico. Que vou fazer no armazém a estas horas? De mais a mais, está muito calor lá em baixo na cidade. Jantaremos juntos pela primeira vez em dia de semana. (Levanta-se e contempla o guarda-roupa.) — Que diabo! é mesmo um monstro, como lhe chamou aquele mariola! Onde tinha eu a cabeça quando comprei isto? Mas... porque o fechou?

Rosália — Por nada; fechei-o por fechar.

Macedo — Isso não é resposta que se dê.

Rosália — Tanto é que a dei.

Macedo — Não há efeito sem causa. Acho esquisito que a senhora fechasse um guarda-roupa vazio.

Rosália — E quem lhe diz que ele está vazio?

Macedo — Ora essa!

Rosália — Eu posso ter alguma coisa lá dentro guardada.

Macedo — Ora qual! o que poderia a senhora guardar ali?

Rosália — Tanta coisa! Um homem, por exemplo.

Macedo — Um homem! ... Com essas coisas não se graceja, menina!

Rosália — Pois não acha esquisito que eu fechasse um guarda-roupa vazio? O senhor que o disse, é porque alguma suspeita lhe atravessou o espírito.

Macedo — Padre, Filho, Espírito Santo! Eu podia lá imaginar semelhante coisa!

Rosália — Tanto imaginou, que está doido por me pedir a chave.

Macedo — Eu, menina?! Fique-se lá com a chave e, pelo amor de Deus, não diga tolices!

Rosália — Pois saiba que está ali dentro um homem!

Macedo — Rosália!

Rosália — Se quiser convencer-se, abra e verá. Aqui tem a chave.

Macedo — A menina quer divertir-se à custa de seu marido? Lembre-se que eu podia ser seu pai!

Rosália (Com um suspiro.) — Lembro-me, sim, e a todo o instante... (Apresentando-lhe a chave.) Então? não quer certificar-se?

Macedo — Ora não me aborreça!

Rosália — Mas veja que estou falando sério... Na sua ausência veio só um homem... um bonito rapaz de quem eu gosto... e já se despedia, quando o senhor entrou inesperadamente... Ele ficou atrapalhado, escondeu-se ali... e eu fechei-o à chave. Aí está a razão por que não consenti que tocassem no guarda-vestidos.

Macedo — Eu previno-a de que estas brincadeiras são de muito mau gosto!

Rosália — O senhor ia ficar em casa... infalivelmente tudo descobriria... prefiro dizer-lhe tudo... e entregar-lhe a chave. Mas acautele-se: o homem que lá está metido é resoluto e valente.

Macedo (Tomando a chave.) — Eu vou abrir o guarda-roupa... Mas veja lá! Se estiver vazio, zango-me, porque não tolero brincadeiras desta ordem!

Rosália — E se não estiver vazio?

Macedo — Se não estiver?... (Caindo em si.) Isto é, zango-me se não estiver... A senhora obriga-me a dizer tolices! (Aproxima-se do guarda-roupa e mete a chave na fechadura.)

Rosália (Com muita serenidade.) — Senhor Macedo?

Macedo (Voltando-se.) — Senhora?

Rosália — Venha cá... Aproxime-se. (Ele obedece.) Ponha-se de joelhos...

Macedo — Hein?

Rosália — De joelhos!

Macedo — Menina...

Rosália — Então? não ouve? (Macedo ajoelha-se.) — Peça-me perdão.

Macedo — Perdão, por quê?

Rosália — Por ter duvidado de mim. Peça-me perdão, ou vou imediatamente para casa de meus pais!

Macedo — Padre, Filho, Espírito Santo! quem foi que lhe disse que eu duvidei?

Rosália — Toda esta cena foi imaginada por mim, para experimentar o grau de sua confiança.

Macedo — Pode ficar certa, Rosália, de que não desconfio de coisa alguma; mas se a senhora desconfia que eu desconfio, peça-lhe que me perdoe.

Rosália — Está perdoado. Vá buscar os homens.

Macedo (Levantando-se.) — Que homens?

Rosália — Os homens que têm de desarmar e remover o guarda-roupa.

Macedo — Agora?

Rosália — Já, já, já! Não quero que aquilo fique em casa esta noite. Agora ainda mais raiva lhe tomei.

Macedo — Mas amanhã temos tempo...

Rosália — Ai, mau! o senhor sabe como eu sou caprichosa! Quando quero, quero!

Macedo — Lá vou, lá vou! Ora os meus pecados!

Rosália — Aí vem justamente um bonde. Vá, ande!

Macedo — Padre, Filho, Espírito Santo! (Sai. Rosália vai para a janela, e, depois de algum tempo, como tranqüilizada por Macedo ter tomado o bonde, corre a abrir o guarda-roupa. Ernesto sai muito pálido, cruza os braços e contempla-a.)

CENA IV

Rosália, Ernesto

Ernesto — Ouvi tudo. A senhora é de muita força!

Rosália — Sou mulher.

Ernesto — E assim se brinca com os nervos de um homem! Sabe que mais? O silêncio e a sombra daquele armário prestam-se admiravelmente à reflexão; esta vida de contínuos sobressaltos não pode continuar: oferecem-me um lugar vantajosíssimo em São Paulo; peço-lhe permissão para aceitá-lo.

Rosália — Ora essa! o senhor é solteiro... é livre como os pássaros.

Ernesto — Com que frieza me diz isso!

Rosália — Naturalmente. Este minuto bastou para desfazer uma impressão de muito tempo. Supus que o senhor sáísse do seu esconderijo entusiasmado pela minha astúcia; mas vejo que só lhe pode agradar a vulgaridade, o comum. É muito limitado o seu ideal. Adeus, boa viagem. Felizmente as coisas não chegaram ao ponto de lhe darem o direito de me fazer corar. (Pausa.) Tem graça! Cruzar Impertinentemente os braços diante de mim, e dizer-me que sou de muita força! Que faria o senhor, se eu tivesse cedido à brutalidade dos seus desejos!

Ernesto (Descobrimdo-se e preparando-se para se justificar.) — Rosália, eu...

A voz de **Ribeiro** — Cá estou entrando. (Rosália dá um grito. Ernesto foge para o guarda-roupa; ela fecha-o, mas deixa a chave. Ribeiro entra a tempo de vê-la fechar o móvel.)

CENA V

Ernesto, no guarda-roupa, **Rosália, Ribeiro**

Ribeiro — Ora Deus esteja... (Estaca ao ver Rosália fechando o móvel.)

Rosália (Voltando-se.) — Esteja aonde? Arrependeu-se?

Ribeiro — Nada... é que...

Rosália (Aproximando-se dele.) — Então? Não me fala? Como passou?

Ribeiro — Bem, obrigado. E a senhora?

Rosália — Boa. Estou-o achando assim com uns modos...

Ribeiro — É que... (Rindo-se.) — Ora! eu sempre sou um grande pedaço d'asno! (Sentando-se.) Tratemos de outra coisa... (Depõe o chapéu.)

Rosália — Mas, por enquanto, não tratamos de coisa alguma.

Ribeiro — Pelo que vejo, a madama e a pequena ainda cá não chegaram?

Rosália — Não.

Ribeiro — Não devem tardar... Fiquei de vir ter com elas aqui... andam a fazer compras... a preparar o enxoval. Saíram de casa resolvidas a vir jantar com a senhora.

Rosália — Mas o senhor parece-me assim um tanto embaraçado...

Ribeiro — Uma tolice.

Rosália — Qual?

Ribeiro — A senhora vai ou rir-se ou zangar-se. Das duas uma.

Rosália (Sentando-se.) — Deveras?

Ribeiro — Como sabe, vou casar a pequena; mas o noivo repugna-lhe.

Rosália — Sim?

Ribeiro — Faça-se de novas. A senhora sabe disso tão bem ou melhor do que eu.

Rosália — Efetivamente sei que Belinha tem certa inclinação...

Ribeiro — ... muito pronunciada. (Tira uma carta do bolso.) Hoje, depois que elas saíram, apanhei esta carta nas mãos da cozinheira... Veja se isto são coisas que se escrevam! (Lê.) "Meu Alfredo". É o tal.

Rosália — Alfredo Lemos, um excelente rapaz.

Ribeiro (Lendo.) — "Meu Alfredo. Não sou bastante forte para resistir à vontade de meu pai. As minhas lágrimas e as considerações de minha mãe não tiveram eloquência bastante para demovê-lo de sua tirânica resolução". Eu, tirano! "Mas tu, a quem adoro mais que à própria vida; tu, que és o meu Deus e o meu tudo, conta sempre com o meu amor, antes e depois desse comércio infame, que se vai chamar o meu casamento. Tua Isabel". Que lhe parece, minha senhora?

Rosália — Parece-me que o senhor não deve constrangê-la.

Ribeiro — Isto copiou ela sem dúvida desses romances indecentes, que só servem para transtornar o juízo às raparigas. Não foi outra coisa. Mas vamos ao caso; isto foi apenas uma preliminar: o outro dia estive em nossa casa um moço por nome Alberto, que me arrancou às garras da morte, ou antes, às rodas de um bonde. Vem a dar no mesmo... (Reparando no guarda-roupa e erguendo-se.) Esta é que é a tal almanjarra de que me falou o Macedo? (Aproximando-se do móvel.) Na realidade é enorme. (Vai a abrir.)

Rosália (Com um grito.) — Não abra!

Ribeiro — Desculpe.

Rosália (Perturbada.) — Acabe de contar a história do moço que o livrou das garras do bonde.

Ribeiro — Ou das rodas da morte... lá vai... (Senta-se.) Participando eu ao tal Ernesto...

Rosália — Ernesto?

Ribeiro — Conhece-o?

Rosália — Não... é que...

Ribeiro — Ahn?

Rosália — O senhor tinha dito Alberto.

Ribeiro — É que sempre me engano... Seja que santo for, ora pro nobis. Participando eu ao tal Alberto...

Rosália — É Alberto ou Ernesto?

Ribeiro — Ernesto, Ernesto, é... (Pausa.) Ernesto ou Alberto. Participando-lhe eu que ia casar a Belinha, contra a sua vontade, com o Comendador Domingos Bastos, que ele conhece, aconselhou-me a que não contrariasse a pequena... e mais isto, e mais aquilo... E, para dissuadir-me do meu propósito, contou-me a história de um guarda-roupa.

Rosália — De um guarda-roupa?

Ribeiro — De uma almanjarra como aquela que também não cabia em nenhum dos quartos da casa...

Rosália — Sim?

Ribeiro — Num dia em que o Alberto, quero dizer, o Ernesto, estava num doce colóquio com certa senhora casada, teve que se esconder no guarda-roupa, para não ser surpreendido pelo dono da casa.

Rosália — Mas por que me disse que eu havia de rir-me ou zangar-me?

Ribeiro — Ah! Eu lhe digo... Ao subir as suas escadas, vinha exatamente pensando nesse episódio galante... e, quando entrei nesta sala, e dei com a senhora a fechar, pressurosa, o guarda-roupa, quase me convenci de que...

Rosália (Com um riso forçado.) — Ah! Ah! Ah! Que idéia!

Ribeiro — Aí está; a senhora riu-se, não se zangou; melhor... Perdoe... foi uma impressão passageira... e tudo se desfaz desde que se abra o móvel. (Vai abri-lo.)

Rosália (Com um grito.) — Não! (Corre a defender o guarda-roupa. Ribeiro fica perplexo. Entram Joana e Isabel.)

CENA VI

Ernesto, no guarda-roupa, **Rosália**, **Ribeiro**, **Joana**, **Isabel**

Joana — Vamos entrando, Dona Rosália.

Rosália — Dona Joana... Belinha...

Isabel — Que tem, Rosália?

Joana (Apertando-lhe a mão.) — É verdade... está tão pálida... como treme!

Rosália — Enganam-se... não tenho nada... Dêem-me os seus chapéus.

Joana — Daqui a pouco. Deixe-me descansar um instante. (Senta-se.) Temos andado numa dobadeira por causa do casamento.

Ribeiro — Pois não se afadiguem por isso. Temos tempo... temos muito tempo...

Joana — Espero que Belinha seja feliz. A princípio derramou um oceano de lágrimas, mas afinal... como por milagre...

Ribeiro — O milagre está explicado nesta carta. Leia, e diga-me depois o que é feito de nossa filha... de sua filha! (Dá-lhe a carta.)

Isabel (Reconhecendo a carta, com um grito.) — Ah!

Joana (Erguendo-se.) — Manuel... Belinha... Que quer isto dizer?

Isabel — Oh! Que vergonha! (Esconde o rosto no ombro de Rosália.) Rosália!

Ribeiro — Pena tenho eu que não esteja aqui mais gente... quisera pôr em exposição a desalmada que escreveu isso!

Isabel (Com o rosto escondido e sufocada pelas lágrimas.) — Perdoe, papai!

Joana — Seja qual for o conteúdo desta carta, Manuel, o seu procedimento não é digno de um homem de bem. Se houvesse uma nódoa nos sentimentos daquela criança, lavá-la-iam as águas que correm daqueles olhos.

Ribeiro — Não esteja a dar-me sentenças, senhora doutora; leia a carta e depois fale.

Joana — Se é criminoso este papel... (Rasga a carta.) No senhor, mais do que em ninguém, deve recair a culpa desse crime.

Ribeiro (Baixinho.) — Daqui a pouco ficarás satisfeita com teu marido; mas vai lá para dentro, e leva contigo Dona Rosália e a Belinha.

Joana (Baixo.) — Por quê?

Ribeiro — Dentro daquele guarda-roupa há contrabando... Tudo te direi depois. Retirem-se: quero evitar um escândalo.

Joana — Não percebo. (A Rosália.) Dona Rosália, leve nos ao seu quarto de toalete.

Rosália (Sem se mover.) — Pois não. (Olha para o guarda-roupa. Ribeiro faz-lhe um sinal de inteligência. Ela aproxima-se dele.)

Ribeiro — Tranqüilize-se.

Rosália — Façam favor. (Indica o caminho às visitas. Saem as três senhoras.)

CENA VII

Ribeiro, Ernesto, depois Rosália

(Ribeiro, mal se apanha só, olha para todos os lados, e vai abrir o guarda-roupa.)

Ernesto (Saindo.) — Meu caro Senhor Ribeiro, não me perca! Ouvi tudo!

Ribeiro — Perdê-lo eu, quando o senhor, além de me salvar a vida, salvou-me a honra! É justo que eu o salve também. Uma almanjarra por um bonde!

Ernesto — Se soubesse... Dona Rosália e eu tínhamos acabado de cortar as relações quando ouvimos a sua voz no corredor... Juro-lhe que vou para São Paulo, onde me espera um emprego vantajoso.

Ribeiro — Ora ande lá, prometa não cair noutra.

Ernesto — Não prometo para não faltar. Mas a lição foi poderosa. Adeus. Ah! antes de sair... Creia, Senhor Ribeiro, creia que as minhas relações com esta senhora nunca foram além de inocentes colóquios...

Ribeiro — Ainda bem.

Rosália (Entrando com altivez.) — Não saia, sem saber que a notícia da sua indiscrição me deixa inteiramente tranqüila no tocante à natureza dos sentimentos que de hoje em diante possa nutrir a seu respeito. (Dá-lhe as costas e desce ao proscênio.)

Ribeiro — Muito bem... muito bem... é muito conveniente que tenham queixas um do outro. (Ernesto quer aproximar-se de Rosália; Ribeiro impede-o.) Vá, vá para São Paulo, Senhor Alberto.

Ernesto (Muito comovido.) — Ernesto. (Aperta-lhe a mão e sai. Rosália cai numa cadeira, e esconde o rosto nas mãos.)

Ribeiro — Não chore, Dona Rosália; faça de conta que nada disto aconteceu... Conte com a minha discrição. (Para dentro.) Psiu! Menina! Venha cá! (A Rosália.) Ature o Macedo como Deus o fez e lho entregou. É mais nobre o cumprimento do dever quando custa um sacrifício.

Ribeiro (A Isabel, que entra enleada.) — Vem cá, minha filha... Dá cá um abraço... Casa-te com quem bem te parecer, ouviste? Escolhe um noivo a teu gosto!

Isabel — Que está dizendo, papai? Pois consente que eu me case com o Alfredo Lemos?

Ribeiro — Com ele ou com outro qualquer. Isso é contigo. És dona do teu coração.

Isabel — Oh! Que felicidade! (Indo ao encontro de Joana, que entra.) Mamãe! mamãe! papai consente que eu me case com ele!

Joana — Teu pai põe as barbas de molho, minha filha; faz muito bem.

Macedo (Entrando com os dois homens.) Entrem! Olá! Como isto está floreado! Eh! Eh! Eh! (Rosália, ao ouvir a voz de Macedo, levanta-se e forma um grupo com as outras duas senhoras.) Desarmem o bicho! (Os dois homens dirigem-se para o guarda-roupa e preparam-se para desarmá-lo.)

Ribeiro — Então vais desfazer-te da almanjarra?

Macedo — Queres saber de uma coisa engraçada? Minha mulher quis hoje fazer-me crer que tinha escondido um namorado lá dentro! Eh! Eh! Eh! Eh! Eh! ...

FIM